



DCO

DOMINGO



No dia de Zumbi, começa o maior espetáculo do mundo

Nossas atenções se voltam aos 36 guerreiros negros brasileiros que estão no Catar para trazer a nossa libertação, o hexa.

LEIA NA PÁGINA 03

Vira-latismo

Globo ataca Lula e diz que Brasil não merece ser uma grande nação

Maior monopólio da comunicação do País é o principal agente do imperialismo no Brasil.

LEIA NA PÁGINA 09

20 de Novembro

Confira a programação do PCO para o mês de luta do povo negro!

O PCO não faz ciranda, não faz o que faz para eleger parlamentar, nesse 20 de Novembro, esteja com o PCO na comemoração do dia de luta do povo negro!

LEIA NA PÁGINA 14

Réveillon Vermelho

Festa de Réveillon do PCO será no Ipiranga

Comemores com os companheiros de luta!

LEIA NA PÁGINA 16

"Uma escolha genial"?

Ainda não se sabe que preço Lula pagará por ter Alckmin como vice

Presença do ex-governador de São Paulo no governo Lula é um dos seus pontos fracos, e não fortes.

LEIA NA PÁGINA 11

FESTA DO POVO

Torcida vermelha pela vitória do Brasil na Copa

Futebol é um patrimônio do povo oprimido

A Copa do Mundo de 2022 começa hoje e, como sempre, é uma representação dos conflitos de interesse do imperialismo com os países atrasados. Dessa forma, é também o momento da defesa dos setores oprimidos, do futebol, um dos elementos

fundamentais para o orgulho nacional.

Agora, por exemplo, a Guerra na Ucrânia é o elemento fundamental para a tentativa de exclusão da seleção iraniana do torneio, por conta de sua aliança política a Rússia. A decadên-

cia do futebol europeu, também foi mais um motivo para a tentativa de desmoralizar a Copa no Catar..

LEIA NA PÁGINA 07



LULA ESTÁ CERTO

O mercado financeiro é, sim, o inimigo

Taxar os bancos é a solução para o "rombo fiscal"



Os economistas Armínio Fraga, Edmar Bacha e Pedro Malan escreveram uma carta ao presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, nessa quinta-feira (17), criticando a sua posição sobre os gastos para o próximo ano.

Em discurso na COP27, Lula critica o mercado financeiro e diz que "antes de responsabilidade fiscal, é preciso ter responsabilidade social".

LEIA NA PÁGINA 02

COPA DO MUNDO

Defender a seleção brasileira é defender o País

Neste início de Copa do Mundo, é preciso entender que a defesa do futebol e da seleção brasileira é fundamental para a soberania do nosso País



Começa hoje a Copa do Mundo, evento mais aguardado pela classe operária mundial. Sendo o futebol o esporte mais popular do mundo, diversos países param para assistir os jogos e ver quem será o grande campeão do evento, que acontece a cada quatro anos..

LEIA NA PÁGINA 08

EDITORIAIS

LULA ESTÁ CERTO

O mercado financeiro é, sim, o inimigo

Taxar os bancos é a solução para o "rombo fiscal"



Os economistas Armínio Fraga, Edmar Bacha e Pedro Malan escreveram uma carta ao presidente eleito, Luis Inácio Lula da Silva, nessa quinta-feira (17) criticando a sua posição sobre os gastos para o próximo ano. Em discurso na COP27, Lula critica o mercado financeiro e diz que “antes de responsabilidade fiscal, é preciso ter responsabilidade social”. “Se eu falar isso vai cair a bolsa, vai aumentar o dólar. Paciência. Porque o dólar não aumenta e a bolsa não cai por conta das pessoas sérias, mas é por conta dos especuladores que vivem especulando todo santo dia”, declarou Lula. Nesse sentido, os economistas, eximindo-se da culpa de uma oposição aos gastos sociais, dizem que “fazer tudo ao mesmo tempo” vai levar a alta da inflação e do dólar, fazendo o “crédito sumir do mercado” e finalizam dizendo que tudo isso “sob

pena de o povo outra vez tomar na cabeça.”

Nesse mesmo sentido, o editorial do Estadão desse sábado (19), critica o Lula por ser irresponsável com algo que finalmente prejudicará os pobres:

“Em se tratando de um país que depende de crédito e que não tem histórico de bom devedor, é impossível fazer tudo ao mesmo tempo sem pressionar a inflação e os juros, fatores que prejudicam, sobretudo, os mais pobres” (Editorial Estadão, “A realidade chegou para Lula”, 19/11/2022) E, por último, a carta ainda defende o teto de gastos dizendo, cinicamente, que ele não impede gastos sociais.

“A responsabilidade fiscal não é um obstáculo ao nobre anseio de responsabilidade social, para já ou o quanto antes. O teto de gastos não tira dinheiro da educação, da saúde, da cultura, para pagar juros a banqueiros gananciosos. Não é uma conspiração para desmontar a área social”,

diz a carta.

Tudo isso mostra, em primeiro lugar, o cinismo da direita ao tentar colocar Lula como um possível algoz da população devido aos seus planos de, exatamente, tirar as pessoas da pobreza. O gasto social, aniquilado pelo golpe de estado, é um problema não para a população, mas para os banqueiros e seus lucros. Sim, o problema é o mercado financeiro, como disse o companheiro Lula. Fato é que o investimento na população não dá lucro para os bancos, que, inclusive, é o setor que mais gera gastos para o Estado.

Há uma maneira simples de viabilizar os gastos sociais: deixar de pagar os juros da dívida pública, multiplicados a cada ano, e taxar diretamente a renda dos mais ricos da população. Enquanto os juros sobre o consumo, que recai principalmente na renda dos mais pobres, é o principal meio de arrecadação do Estado, os bancos sequer

pagam taxas sobre os seus dividendos exorbitantes. Com essa realidade, esse mesmo mercado financeiro ainda tem o cinismo de criticar o presidente eleito por causar um “rombo no orçamento estatal”?

Sobre a carta, Lula dá uma boa e evasiva resposta em seu twitter, dizendo:

“Fiquei feliz ao saber de uma carta de pessoas importantes me alertando sobre problemas econômicos e dando sugestões. Eu sei ouvir conselhos e, se fizer sentido, seguir.”

A verdade é que os “conselhos”, para não dizer “ameaças”, não fazem sentido. Por isso o Lula deve seguir a política de esquerda que tem tomado em seus primeiros atos no plano de transição do governo.

COPA DO MUNDO



Henrique Áreas

No dia de Zumbi, começa o maior espetáculo do mundo

Nossas atenções se voltam aos 36 guerreiros negros brasileiros que estão no Catar para trazer a nossa libertação, o hexa



Desculpem-me o lugar-comum, mas é assim. Não tem nada que se compare à Copa do Mundo em termos de comoção mundial. As seleções favoritas sonham com o título, as medianas, sonham em chegar mais longe, as mais fracas, em passar para a segunda fase ou simplesmente ganhar ou jogar, fazer um gol sequer. Os países que nunca foram sonham em participar e os que não têm chaces de participar escolhem uma seleção para torcer, como mostrou a re-

portagem de dias atrás dos indianos que trocam para o Brasil. O futebol é o esporte mais popular do mundo. É o esporte que, transformado em arte, principalmente pela intervenção dos brasileiros, tornou-se uma paixão mundial.

As Olimpíadas também são um grande evento. Embora muito interessante e empolgante, não têm o mesmo apelo. As Olimpíadas são uma grande confraternização esportiva dos povos. A Copa também é tudo isso, mas é muito mais do que isso. É com-

petição de verdade, é sangue, é raça, quem perde vai lamentar eternamente, quem ganha entra para a glória eterna do futebol. Copa é guerra!

O futebol um espetáculo artístico e a Copa é um grande festival. Os espectadores param tanto para assistir Catar e Equador, aliás o jogo de abertura nesse domingo (20), às 13h, quanto para assistir a um eventual Brasil e Argentina, maior clássico do futebol mundial.

A Copa do Mundo começa e o caminho para o hexa está abe-

to. Esperamos que essa data de início, que os deuses do futebol fizeram com que caísse no dia 20 de novembro, em que se comemora o dia de Zumbi, seja um sinal de sorte para os 26 guerreiros negros brasileiros que estão no Catar para provar, mais uma vez, a superioridade de nosso futebol.

Com o hexa virá nossa libertação, ao menos a nossa libertação espiritual, no sentido da melhora de nossa autoestima como brasileiros, como povo de luta e trabalhador.

PCO

PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA

- [instagram.com/m.pco.29/](https://www.instagram.com/m.pco.29/) • twitter.com/mpco29
- [youtube.com/RádioCausaOperária](https://www.youtube.com/RádioCausaOperária)
- pco.sorg@gmail.com • tel./wp: 11 99741-0436

FILIE-SE AGORA EM: PCO.ORG.BR

RECESSÃO A VISTA

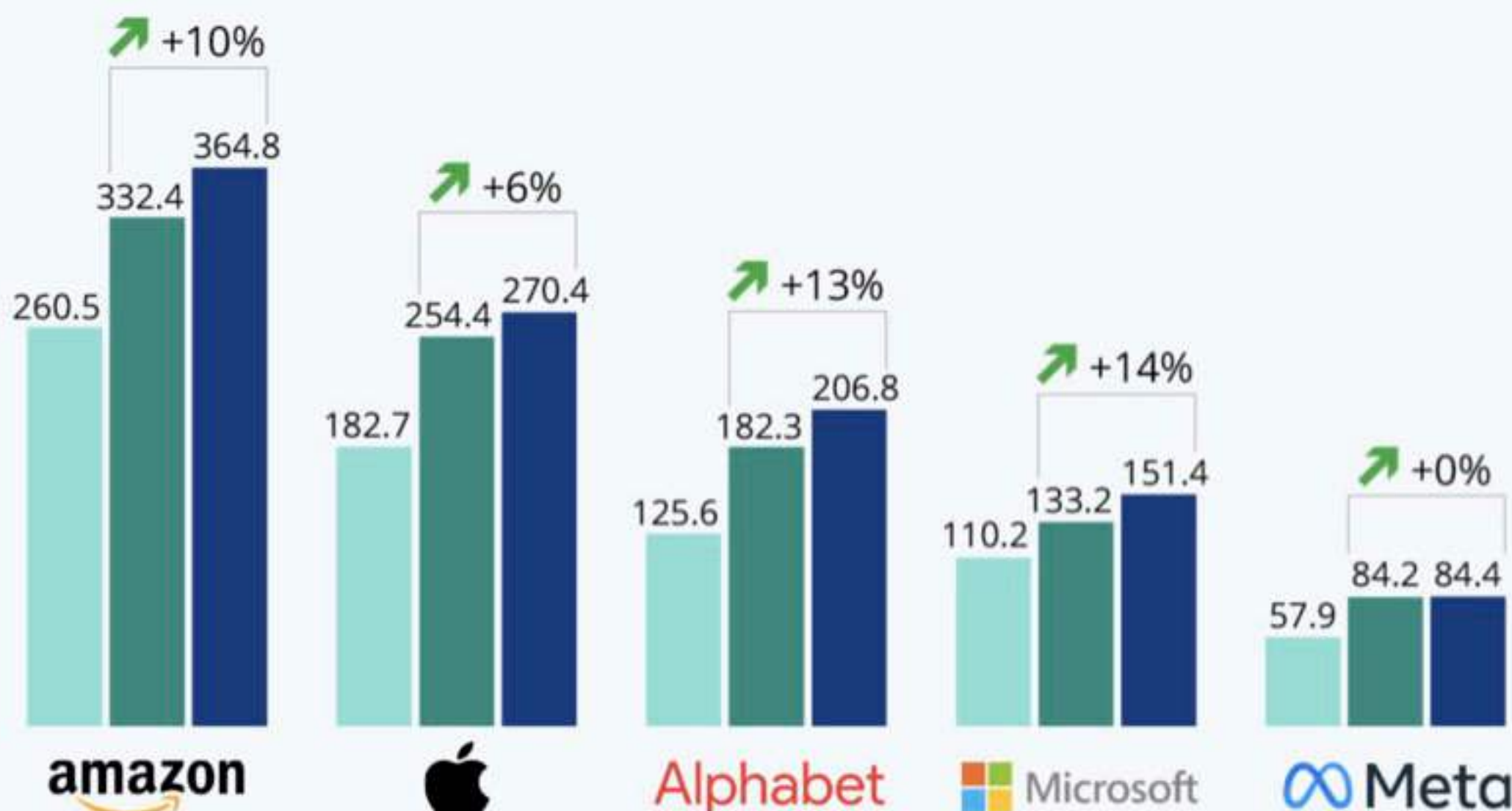


Fábio Picchi

Indústria da tecnologia encolhe e demite dezenas de milhares

Cortes no Twitter não são mera extravagância de seu novo dono

2020 2021 2022



Elon Musk finalmente assumiu o controle do Twitter este mês. O homem mais rico do mundo brincou com a ideia de adquirir a rede social no início do ano, o que teve um amplo efeito especulativo em seu valor de mercado, manobra que fez com que Musk fosse “condenado” a comprar a empresa pelo valor que havia proposto. Sua entrada foi extravagante, como de costume, e o debate ao seu redor se deu, naturalmente, no próprio Twitter.

A questão central era se Musk restauraria ou não a liberdade de expressão na plataforma que há anos limita o discurso de seus usuários, seja através da redução passiva do alcance de suas postagens por motivos políticos, seja pela expulsão de usuários como o ex-presidente norte-americano Donald Trump, quando este tinha mais de 116 milhões de seguidores. O novo dono da casa anunciou logo de cara a demissão de quase quatro mil funcionários do Twitter aparentemente por motivos políticos, por ser um suposto defen-

sor da liberdade da expressão em confronto com seus algozes. O drama continuou ao vivo nas redes sociais, com vazamento de mensagens trocadas em canais internos da empresa, onde Musk praticamente propunha um programa de demissão voluntária aos empregados que lhe restavam, o que resultou num êxodo ainda maior de pessoas. Esse evento foi apresentado no debate nas redes sociais como reflexo da incompetência e da megalomania de Musk. Não há nada de errado com essa avaliação, já que ambos são características essenciais dos grandes capitalistas. Talvez Musk goste mais do que seus colegas de expô-las de forma contundente. Ainda assim, gostaríamos de fazer uma ressalva nesta coluna. Não seria de forma alguma uma defesa do CEO “polivalente”, mas uma elucidação sobre um fenômeno de fundo que ataca a indústria da tecnologia e o sistema capitalista de conjunto, e que aparece de forma superficial nesse grande drama das redes sociais.

Não foi apenas o Twitter que

demitiu um grande número de funcionários neste mês. A Meta demitiu 11 mil no início de novembro após reportar resultados trimestrais desastrosos. A empresa de Mark Zuckerberg viu seu valor de mercado cair em 75%. Em menor escala, o mesmo se viu nas outras grandes empresas de tecnologia como a Amazon, que apesar de muito lucrativa, não cresce mais no ritmo acelerado que seus investidores acostumaram-se a esperar. Se voltarmos alguns meses, veremos que empresas como a Microsoft também aparecem demitindo um grande número de funcionários. Há inclusive um portal que monitora essas demissões. Empresas que não partiram para uma política mais aberta de cortes, como Google e Apple, reduziram ou paralisaram seu fluxo de contratações. O motor de lucro infinito apresentado pelos executivos dessas empresas e pelos fundos de investimento que nelas aplicam parece mostrar sinais de desgaste. Jornais como o The Washington Post – que, inclusive, é de posse de Jeff Bezos, acionista

majoritário da Amazon – já falam numa nova “bolha da internet” prestes a explodir, como a crise que aconteceu com as empresas de tecnologia super valorizadas no início deste século devido à intensa especulação de Wall Street.

A tendência à queda da taxa de lucro, analisada em profundidade por Marx, se manifesta de forma cada vez mais irreversível e anuncia a próxima crise capitalista. As demissões no Twitter estão longe de ser mera extravagância de Musk – ainda que não se possa descartar completamente esse componente. O recado que o bilionário passou para seus funcionários também serve para ele próprio e seus colegas de classe: “está acabado o almoço grátis”.

COMITÊS DE LUTA

ACOMPANHE AS CAMPANHAS DOS COMITÊS E JUNTE-SE AO MAIS PRÓXIMO EM:

COMITESDELUTA.COM.BR

MUDANÇAS CLIMÁTICAS?



Fábio Picchi

A COP 27 e a manipulação dos índios brasileiros

Imperialismo financia pequeno grupo de "lideranças" indígenas para manipular seus interesses e inserir reivindicações que não são dos índios

Na última sexta-feira (18/11), foi encerrada a 27ª Conferência das Partes, organizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), na cidade de Sharm Al-Sheik, no Egito, para supostamente discutir as mudanças climáticas no planeta. Sob a fachada de ambientalismo, o que se viu foram uma enorme demagogia diante dos povos indígenas e na proteção da Amazônia e mais uma vez se viu uma enorme farsa para beneficiar os países imperialistas, EUA e Europa, seus monopólios globais e uma tentativa de impedir o desenvolvimento econômico de países explorados. Diante desses fatos e da farsa criada pelo imperialismo se viu uma enorme demagogia com os povos indígenas e a utilização da causa indígena para impulsionar supostas lideranças indígenas financiadas por organizações não governamentais, por embaixadas de países imperialistas e fundações privadas.

Utilização dos índios para esconder a sujeira do imperialismo

O grande destaque que os organizadores da COP 27 deram aos indígenas que foram levados e participaram da Conferência no Egito teve como objetivo esconder os financiadores da conferência e dos verdadeiros objetivos da atividade e do grande destaque a "pauta" climática. A farsa da COP 27 foi tão grande que até mesmo a garota propaganda do imperialismo para as pautas ambientais, a ativista climática Greta Thunberg, decidiu não participar acusando a falta de participação da sociedade civil e da utilização do evento como propaganda das grandes empresas. E para atingir seus objetivos, o imperialismo não tendo mais uma garotinha para fazer demagogia encontrou uma maneira ainda mais eficiente: usar a situação dos índios. Em todo o evento foi colocado pelos organizadores "mesas", grupos de discussão, debates e permitiram até uma espécie de protesto da "bancada do cocar", organizadas pelas índias do PSOL e do Itau, Célia Xacriabá e Sônia Guajajara. Duas informações revelam a manipulação dos povos indígenas brasileiros: a farsa das mudanças climática como uma pauta indígena e o grande financiamento dos responsáveis pela destruição da Amazônia e dos recursos naturais, da violência contra os índios e da situação de miséria desse setor da população.

Mudanças climáticas não é uma pauta do índio

A primeira discussão é o argumento que a pauta climática é uma reivindicação dos povos indígenas e quem circula entre os índios que vivem nas terras



indígenas demarcadas, nas retomadas e nas áreas de conflito sabe que a tal das "mudanças climáticas" sequer é citada ou conhecida pelos índios.

A pauta climática é apenas colocada pelos índios apontados como "lideranças" pela imprensa capitalista, mas que são financiados por organizações não-governamentais, embaixadas de países europeus, fundações privadas (Fundação Ford, Open Society, Banco Itaú entre outras) e que possuem grande circulação na Europa e nos EUA. Tanto que foram convidados e financiados por essas organizações.

Fora esse muito restrito grupo de índios, a esmagadora maioria dos índios do Brasil tem outras reivindicações. São reivindicações de demarcações de terra, direito de produzir e trabalhar, estudar, acesso a internet, universidade, água e energia elétrica e até mesmo exploração econômica das terras indígenas, como garimpo e agricultura em maior escala.

E se alguém duvidar convidado a pessoa a visitar uma área indígena e perguntar para a comunidade.

Imperialismo é responsável pela situação de miséria e massacre dos índios

Dois grandes parceiros dos índios e entusiastas da pauta climática que foram para a COP 27 são a Alemanha e a Noruega. Os bancos da Alemanha, país que quer "proteger" os indígenas e suas terras, despejaram a mesma quantidade de dinheiro em mineradoras internacionais que atuam no Brasil. Um estudo realizado pelo Observatório da Mineração mostrou que os bancos

Commerzbank, Deutsche Bank e DZ Bank investiram mais de 1 bilhão de dólares em mineradoras brasileiras.

Outro grande parceiro a Amazônia e do índio é a Noruega. O geógrafo norueguês Torkjell Leira, escreveu um livro sobre a atuação ambígua da Noruega na Amazônia e em entrevista ao portal O Eco disse que "Entre 2009 e 2019, investimos 8 bilhões de coroas norueguesas (R\$4,8 bilhões) em ações de proteção à floresta e aos direitos indígenas. Esses investimentos se deram principalmente por meio do Fundo Amazônia, mas também por meio da Embaixada Norueguesa em Brasília e organizações não-governamentais como a Rainforest Foundation. Por outro lado, investimos mais de 40 bilhões de coroas norueguesas (R\$24 bilhões) em atividades que ajudam a destruir a floresta. A maior parte, no setor de mineração".

Um levantamento realizado em 2021 sobre os conflitos no ano anterior na publicação Mapa de Conflitos da Mineração 2020 revelou os números dos conflitos relacionados a mineração no Brasil e provou que os garimpeiros passam longe de serem os vilões. As grandes mineradoras internacionais são apontadas como as principais "violadoras" em 48,7%.

O exemplo das mineradoras e do conflito é apenas um pequeno exemplo. Ou seja, quem mais ataca os direitos indígenas e destrói a Amazônia brasileira é o imperialismo.

Por um movimento indígena que não seja financiada pelas ONG's e pelo imperialismo

A transformação do movimento indígena de luta em "animadores" de encontros, de pautas importadas dos países coloniais como a ambiental, de luta apenas nas instituições que atacam os índios como STF e a justiça, e de interesses imperialistas é o recebimento de dinheiro das ONG's ligadas aos países europeus e dos EUA e das fundações privadas.

Esse financiamento está ligado a uma tentativa de não mobilizar os indígenas e manipular essa população pobre e oprimida para interesses estrangeiros e da classe média ambientalista. O movimento indígena não deve participar e nem servir para limpar a "barra" dos países imperialistas e das grandes empresas.

É preciso independência dessas supostas lideranças indígenas ligadas ao imperialismo para que o movimento avancem, não somente nas demarcações, mas na melhoria de vida e das condições materiais das aldeias e dos índios.

ARTISTAS MAIS FAMOSOS DO PAÍS

Ontem completaram-se 102 anos do nascimento de Tinoco

É preciso aproveitar para lembrar a história da dupla caipira de maior sucesso do país

Francisco Muniz



E escrevo a coluna no dia 19 de novembro, em que se completam 102 anos de nascimento do cantor e compositor José Salvador Perez, o Tonico, da dupla Tonico e Tinoco. Trata-se de um dos principais expoentes da música caipira, ou sertaneja de raiz, do Brasil. A dupla bateu recordes de venda, tendo sido os artistas brasileiros que mais gravaram músicas em sua história. Foram quase mil músicas gravadas, divididas em 83 discos.

A dupla, originária da cidade de São Manuel, interior de São Paulo, fez sua primeira apresentação profissional em 1935, na Festa de Aparecida da cidade. Eles se apresentaram com o nome "Trio da Roça", no qual também participava seu primo Miguel.

Anteriormente, viviam em Botu-

catu, na fazenda Vargem Grande, onde faziam apresentações em dupla nos intervalos do trabalho. Enquanto a turma parava para o café, eles tocavam as modas de viola de um autor imaginário, chamado Jorginho do Sertão, nome que eles usavam para assinar as suas obras.

A dupla, com a sua família Perez, ainda foi viver com a família em Sorocaba, no ano de 1937, onde as suas irmãs foram trabalhar em fábricas de tecidos. Tonico foi ser servente na Pedreira de Santa Helena e Tinoco trabalhou como engraxate na Estação Sorocabana. A situação econômica entrou numa crise profunda a partir do início da Segunda Guerra Mundial e eles precisaram migrar, novamente, desta vez para São Manuel. Lá, eles podem cantar na rádio toda cidade todo fim de semana, gra-

ças à ajuda do administrador da fazenda onde residem.

Em 1941, no entanto, eles vão para São Paulo, e lá a família permanecerá por muitos anos. Tinoco foi trabalhar com enxada em diárias nas chácaras no bairro de Santo Amaro, enquanto Tinoco num depósito de ferro-velho.

Não haveria como ser diferente. Os dois cantores mais populares de sua época e artistas que mais gravaram músicas no mundo têm uma origem popular, camponesa e operária. A sua primeira canção de sucesso, Chico Mineiro, é uma típica canção caipira, como as que consagrariam o estilo nas décadas seguintes. Conta a história de dois camponeses que viajavam juntos, um deles, o Chico Mineiro, morre baleado enquanto eles estão numa festa e o eu-lírico

da canção descobre que eles são irmãos.

Viagens, histórias de boiadeiros e outras coisas do tipo são os temas comuns das canções caipiras que são a representação musical da cultura popular de maior alcance do país. A cultura caipira ocupa o sul, sudeste, centro-oeste e até uma parte do Nordeste do Brasil, e Tonico e Tinoco estiveram entre seus representantes mais populares.

Também é importante ressaltar a importância que tiveram Tonico e Tinoco e outros artistas da mesma época para o desenvolvimento do disco no Brasil. Este avanço tecnológico só aconteceu graças à vontade do povo brasileiro de ouvir a música dos seus cantores caipiras preferidos em suas casas. Neste aniversário do nascimento de Tinoco, a sua lembrança é fundamental.

**ANÁLISE
POLÍTICA
DA SEMANA**

com **RUI COSTA PIMENTA**

AO VIVO

**TODOS OS
SÁBADOS**

**16H
NA COTV**

ESCOLHA DOS EDITORES

FESTA DO POVO

Torcida vermelha pela vitória do Brasil na Copa

Futebol é um patrimônio do povo oprimido



A Copa do Mundo de 2022 começa hoje e, como sempre, é uma representação dos conflitos de interesse do imperialismo com os países atrasados. Dessa forma, é também o momento da defesa dos setores oprimidos, do futebol, um dos elementos fundamentais para o orgulho nacional.

Agora, por exemplo, a Guerra na Ucrânia é o elemento fundamental para a tentativa de exclusão da seleção iraniana do torneio, por conta de sua aliança política a Rússia. A decadência do futebol europeu, também foi mais um motivo para a tentativa de desmoralizar a Copa no Catar.

Estando os principais países da Europa em péssimas condições para combate, considerando, inclusive, que de França, Alemanha e Itália, o último sequer se qualificou para a Copa; o favoritismo brasileiro para a vitória torna fundamental uma grande campanha contra a sede do evento. Se um país árabe não respeita gays e mulheres, contudo, boicotar o grande evento do esporte mais popular do mundo não fará nada melhor.

Pelo contrário, se defendemos a luta da esquerda e dos setores oprimidos, é preciso incluir nas reivindicações a defesa dos interesses populares. O futebol é, em grande medida, um esporte do povo pobre e oprimido. O "Futebol Arte" brasileiro, uma prova de superação dos rios de dinheiro dos países imperialistas, pela técnica desenvolvida nas ruas dos países e consagrada nos campos internacionais. A torcida pela Copa, portanto,

deve ser uma torcida vermelha. Uma torcida nacionalista.

A esquerda de verdade defende o futebol brasileiro contra o imperialismo

Lula falou que não é momento de "julgar" a escolha do Catar para ser sede da copa.

"As seleções já estão convocadas, já estão treinando. O que queremos é que os jogadores joguem bem para dar um espetáculo para todos nós", completou o presidente eleito.

Ele tem razão. A Copa é um festa popular que impulsiona a autoestima da classe operária para defender seus próprios interesses, como disse o companheiro Rui Costa Pimenta em entrevista para a TV 247: "Nesse momento, uma vitória do Brasil na Copa poderia estimular o povo brasileiro nas suas expectativas, na sua confiança. Criar um clima positivo que eu acho que vai ser necessário para defender as suas reivindicações diante do fato de que temos um governo de esquerda, que abre grandes possibilidades para os trabalhadores [...] Minha expectativa é que isso levantaria a moral da classe trabalhadora, que já obteve uma vitória com a eleição do Lula, e que se criasse um movimento ascendente".

Ainda na mesma entrevista para um jornalista em Lisboa, Lula diz que: "Depois de 20 anos, chegou a vez do Brasil voltar a ser campeão do mundo. Primeiro porque algumas seleções importantes não estão bem. Segundo, porque o país que é tetracampeão, que é a Itália, não vai. Terceiro, porque o Cristiano Ronaldo não está jogando como

15 anos atrás"

Diferente do MRT, que faz coro com o imperialismo, reproduzindo as falsas notícias que os 6500 trabalhadores da construção mortos, teriam falecido por conta da construção dos estádios para a Copa. Na realidade, essas mortes ocorreram em dez anos. Outro argumento utilizado pelos setores para denegrirem a Copa de 2022 é o caráter do regime político vigente no Catar, que não é uma "democracia".

Da mesma forma que em 2014, o imperialismo impulsiona um movimento na esquerda de negação da Copa. O "Não vai ter copa", de Guilherme Boulos, por exemplo, foi um elemento importante para o movimento pelo golpe de Estado contra a ex-presidenta Dilma. Dessa vez, o problema é a proximidade política de Catar com a Rússia, com a qual o imperialismo trava uma guerra por procuração através da Ucrânia.

Torça de vermelho!

Nesse sentido, a Loja do PCO está lançando uma série de materiais para garantir o vermelho nos estádios e bares nos jogos do Brasil. A bandeira brasileira, cooptada pela direita bolsonarista, passou a ter um cunho entreguista, fruto da política de bolsonaro na economia. Seus apoiadores, "batendo continência para a bandeira dos EUA", não representam a verdadeira vontade do povo brasileiro. Por isso, é preciso afirmar que, quem realmente defende o Brasil, são aqueles que se vestem de vermelho.

Além da vestimenta, a companhia nas torcidas é essencial.

Por isso, também faremos atividades para assistir os jogos em nossas sedes em Centros Culturais. Os jogos do Brasil são um importante momento de socialização, um momento de autoafirmação do povo brasileiro, elevando a sua autoestima para a luta. Por isso, não devemos perder essa oportunidade para estar junto a esquerda combativa e ter a companhia dos setores que realmente defendem o futebol.

É preciso lembrar, também, que o Diário Causa Operária está lançando matérias todos os dias sobre os jogos e os conflitos políticos envolvendo a Copa. Acompanhe!

Brasil, o time dos países atrasados

O Brasil, de fato, é o favorito para a vitória da Copa de 2022. Segundo pesquisa realizada pela Reuters com 135 analistas que acompanham futebol em todo o mundo, que se alinha com a opinião de casas de apostas, o Brasil é o favorito para esse ano. Outra projeção que coloca o Brasil na frente é o estudo feito pela Universidade de Oxford, na Inglaterra, no qual o Brasil teria 14,76% de vencer, contra 14,36% de chance de vitória para o segundo colocado, também sul-americano, a Argentina.

Uma potência no futebol, como o Brasil, é a grande estrela dos países atrasados. E, de fato, o segundo time do coração para a maioria dos países pobres do mundo. A vitória da nação brasileira, portanto, significa uma vitória contra os times dos países opressores, uma vitória contra o imperialismo.

COPA DO MUNDO

Defender a seleção brasileira é defender o País

Neste início de Copa do Mundo, é preciso entender que a defesa do futebol e da seleção brasileira é fundamental para a soberania do nosso País



Começa hoje a Copa do Mundo, evento mais aguardado pela classe operária mundial. Sendo o futebol o esporte mais popular do mundo, diversos países param para assistir aos jogos e ver quem será o grande campeão do evento que acontece a cada quatro anos.

Tudo isso dá uma importância ainda maior do que um evento esportivo geralmente teria. É uma competição entre países, uma disputa série que define qual a melhor seleção do mundo — e, geralmente, é uma das únicas oportunidades que os países oprimidos tem de ficar em destaque em relação aos países imperialistas.

Dito isso, fica claro que a defesa do futebol é algo essencial para os países oprimidos. E, para o Brasil, isso não é diferente. São anos de destaque na Copa, com diversos craques formados desde pequenos na arte de jogar bola. Cinco vitórias fantásticas que marcam a vida de brasileiros, até mesmo daqueles que não eram nascidos em nenhuma das premiações.

A Copa do Mundo coloca os países oprimidos em destaque. É motivo de prestígio internacional e até um termômetro de como está a situação política do País. É possível, sim, portanto, que a política influencie nos resultados dos jogos de sua seleção, e por isso a Copa é tão importante.

A Copa do Mundo é, de fato, um dos entretenimentos preferidos

da população. No Brasil, é muito comum aulas serem suspensas e funcionários serem dispensados do trabalho no dia do jogo da Seleção.

É por isso que, no fim das contas, é tão necessário defender a Seleção do nosso País. Problemas morais sobre determinado jogador, como as diversas que saem sobre Neymar, são irrelevantes perante ao seu único trabalho: jogar futebol.

Como um dos melhores jogadores do mundo, sua origem humilde e pouca idade o fazem ser seduzido pelo dinheiro, mas isso, no fim das contas, não importa. Seu único trabalho é jogar bola, e isso Neymar faz muito bem.

É por esse motivo que a imprensa ataca tanto o futebol brasileiro. Sua influência para fazer o Brasil soberano desagrada à imprensa burguesa, capacho do imperialismo que quer que o País seja submisso a outros, como Estados Unidos e Inglaterra, denegrindo toda sua cultura e esporte frente a desses Países.

Por esse motivo, é tão fundamental que o futebol, como um esporte do povo, seja defendido. É um esporte que não agrada à burguesia, uma vez que é apreciado pela população, um esporte “de pobres, incultos e atrasados”. É sempre atacado pela imprensa, pelo imperialismo e por todos os setores reacionários da sociedade.

Devemos, portanto, defender incansavelmente a seleção bra-

sileira. Ela representa o nosso País frente a todos os outros países, tem a chance de enfrentar o imperialismo de igual para igual — nesse caso, de melhor para pior. Como a melhor seleção do mundo, o Brasil trará o Hexa para casa, com orgulho no peito de todo brasileiro que se

preze como tal, esfregando na cara do imperialismo que, em futebol, nós somos os melhores. É preciso torcer pela Seleção. É preciso vestir a camisa e torcer com todo o orgulho que pertence ao povo, defendendo o time, seus jogadores e, o mais importante, seu País, o Brasil.



**JUNTE-SE A NÓS:
(11) 95106-0007**

POLÍTICA

VIRA-LATISMO

Globo ataca Lula e diz que Brasil não merece ser uma grande nação

Maior monopólio da comunicação do País é o principal agente do imperialismo no Brasil

Para quem pensava que a Globo estava com Lula, as manchetes dos últimos dias devem ter sido um banho de água fria. Apenas matérias negativas, destacadamente sobre a questão econômica do futuro governo. O dólar sobe, a bolsa cai, os agentes do mercado financeiro reclamam e os “aliados” de direita mostram decepção.

Um editorial de ontem do jornal O Globo acusou Lula de testar a paciência “dos mercados” e “de todos os brasileiros que sabem fazer contas”, atacando a pretensão do novo presidente de usar o dinheiro público para programas sociais em benefício do povo. A Globo, como representante do imperialismo no Brasil, quer que o dinheiro do povo seja desviado — como sempre fizeram os governos brasileiros — para a conta dos especuladores financeiros, verdadeiros sanguessugas do Tesouro nacional.

Pior ainda fez o colunista Merval Pereira, conhecido como a “voz de Deus”, isto é, o porta-voz da Família Marinho, dona da Globo. Na quinta-feira (17), criticou o discurso de Lula na COP27 — um discurso digno de um líder nacionalista, apresentando-se como liderança dos países oprimidos, reivindicando a completa soberania brasileira sobre a Amazônia, a transferência de tecnologia para a África, afir-



mando que vai cobrar os países avançados e exigindo a ampliação do Conselho de Segurança da ONU para que os países pobres sejam incluídos. Também denunciou que os países ricos são os responsáveis pela pobreza da maioria das nações do planeta.

Mas, para Merval Pereira — ou seja, para os donos da Globo — essa posição não passa de “megalomania lulista de querer ser um negociador internacional”. O que isso significa? Ora, sim-

plesmente que a Globo acha que o Brasil não deve ser uma grande nação, não pode aspirar a independência e, muito menos, fazer frente às grandes potências mundiais. O Brasil não pode ter um papel relevante no cenário internacional, tem que ser um país de segunda, terceira, quarta, quinta categoria. Tem que ser um vassalo que apenas segue ordens dos países imperialistas, em particular dos Estados Unidos. Para a Globo, o Brasil não merece nada, o povo brasileiro é um lixo, não somos aptos a aspirar absolutamente nada no mundo.

“Quem o Brasil pensa que é?” — é isso o que Merval Pereira e a Globo querem dizer quando chamam Lula de megalomaniaco. O Brasil não pode ser grande, tem que ser pequeno. Porque os pequenos são fracos e mais facilmente oprimidos e castigados. “O Brasil tem que ficar quieto no seu lugar”, pensa a Globo. Aliás, é o que pensa praticamente a totalidade da burguesia brasileira, subserviente aos grandes capitalistas estrangeiros.

É por esse motivo que a Globo, assim como o conjunto da burguesia brasileira, não queria a volta de Lula ao governo. Executaram o golpe de 2016, retiraram Dilma Rousseff do poder, prenderam Lula e elegeram Bolsonaro. Quiseram emplacar uma terceira via neoliberal em 2022, mas falharam miseravelmente. Injetaram quase R\$100 bilhões em Bolsonaro e coagiram os tra-

balhadores de milhares de empresas para evitar a vitória de Lula, mas não adiantou.

No entanto, a sabotagem contra o Brasil continua. A Globo, que parte da esquerda pensa ser uma aliada, não passa de um agente do imperialismo. Foi criada, em 1965, por uma empresa norte-americana, a Time-Life, porque Roberto Marinho havia sido peça-chave no golpe militar. Desde então, a Globo é a maior promotora da propaganda privatista e neoliberal, de entrega dos recursos e riquezas nacionais aos grandes monopólios imperialistas. De submissão do Brasil aos Estados Unidos e à Europa. De promoção da ideologia identitária, antipopular e antinacional. A Globo é a maior inimiga do Brasil e precisa ser confiscada, sem choro nem vela. Esse monopólio da comunicação é um câncer que precisa ser extirpado. Sua propriedade precisa ser coletivizada e repartida entre os movimentos sociais, sindicatos e demais organizações populares. Por que uma família de grã-finos tem o privilégio de ter uma concessão pública de rádio e TV, enquanto a CUT, o MST, as universidades e demais órgãos representativos não têm direito a nada ou quase nada?

MARXISMO

COM RUI COSTA PIMENTA

TODA AS SEGUNDAS FEIRAS | 18H COM RUI COSTA PIMENTA

SÓ NO CANAL OFICIAL DO PCO NO YOUTUBE

PIRATARIA IMPERIALISTA

Banqueiros querem, uma vez mais, que os pobres paguem a conta

Aves de rapina querem até o osso do Brasil, sem deixar nada para o povo. É preciso organizar um movimento que dê sustentação ao governo de Lula, por um governo dos trabalhadores



O verdadeiro pirata do imperialismo, o economista Armínio Fraga, ex-presidente do Banco Central durante o segundo governo de Fernando Henrique Cardoso, homem da privatização e destruição nacional, resolveu palpar sobre como Lula deve conduzir a economia. Para Fraga, a responsabilidade fiscal, ou seja, o não investimento na economia e na garantia de direitos da população deve ser garantido, porque seria isso que estabiliza as contas do país. Em outras palavras, o repasse de dinheiro aos banqueiros parasitas deve ser elevado ao máximo, e quem tem que pagar é o povo. Essa é a estabilidade, a estabilidade da rapina, do roubo do Brasil para os capitalistas.

Segundo o banqueiro, o mercado investe na economia. O curioso foi Armínio não explicar porque o mercado, que são os banqueiros, o capital financeiro, não desenvolveu em nada a economia nacional ao longo dos seis anos de golpe, em que estiveram no poder. Ao contrário, jogaram o povo no desemprego e no desalento, na fome e na miséria. As vias dos centros urbanos do País estão permeadas de famílias inteiras, que perderam suas moradias pela inflação de tudo, inclusive dos aluguéis, em meio à perda

do emprego e ao arrocho salarial. Para Fraga, o BNDES, que teve papel fundamental para o desenvolvimento da economia nacional, ainda que menor do que poderia, ao longo da gestão petista, teria sido substituído pelo mercado. Mas de lá para cá, a população não viu resultado algum dos investimentos do mercado, a vida piorou de maneira aguda. Para o pirata Armínio Fraga, garantir uma economia que não seja administrada para pagar dívidas fraudulentas a banqueiros é populismo. Garantir os direitos sociais e desenvolver a indústria? Populismo, diz esse verdadeiro corsário do imperialismo.

Como solução para a economia nacional, o banqueiro afirma ainda ser necessário outra reforma da Previdência Social, pois “muita coisa ficou de fora da última reforma”. O povo já perdeu o direito de se aposentar. Para o banqueiro, não foi o bastante, é preciso aprofundar o processo de massacre dos trabalhadores. O economista defendeu ainda um realinhamento do teto de gastos e outro para a capacidade de investimento do Estado nacional, ou seja, um teto para a dívida, sem realizar uma auditoria da dívida existente, é claro. A questão da auditoria sequer foi mencionada. O banqueiro ainda mentiu des-

caradamente ao colocar serem a inflação e o desemprego fruto de um “descontrole” do Estado. Ambas as condições, tanto o emprego como a inflação, são fruto da política defendida por Armínio Fraga, toda a imprensa golpista e o imperialismo para o Brasil, a política de impedir o investimento estatal na economia, de desindustrializar o país, de deixar a regulação do mercado estabelecer como será regida a área econômica.

Essa é uma política de ataque ao povo, de desvalorização da moeda nacional, de manter o País no atraso, como exportador de matéria-prima primária, as chamadas commodities, sem refino, ao passo em que importa a matéria refinada e produtos industrializados, é uma política de desequilíbrio da balança comercial do país, em que ele fica condenado à situação de verdadeira colônia dos países imperialistas. É uma política de submissão nacional.

Para os trabalhadores, o que sobra são poucos empregos e ruins, com salários de miséria, sem direitos. O atraso nacional massacra o povo ao impor a desvalorização da moeda e os produtos mais básicos, como os alimentos produzidos no país, são destinados pelos grandes produtores ao mercado externo, que paga com

uma moeda mais forte. Isso acarreta numa escalada da inflação que açoita os trabalhadores, e joga a maioria da população na fome, como temos hoje no Brasil. A “responsabilidade fiscal” deve ser combatida com todas as armas possíveis e imagináveis. O governo Lula foi eleito pela mobilização dos trabalhadores, e agora precisa dela para ter garantida sua posse e seu governo. Para se opor à pressão crescente da burguesia, Lula irá precisar de um movimento forte, organizado, em que consiga se apoiar e garantir as pautas mínimas que prometeu. Já a classe operária deve se mobilizar ao máximo não apenas pelas promessas de Lula, mas para ir além, por um governo dos trabalhadores, com a reestatização de todas as empresas privatizadas, a refundação da Petrobrás, com o petróleo 100% estatal, em defesa da soberania nacional e dos trabalhadores, contra o que quer que o imperialismo jogue na direção do novo governo.

POLÊMICA

"UMA ESCOLHA GENIAL"?

Ainda não se sabe que preço Lula pagará por ter Alckmin como vice

Presença do ex-governador de São Paulo no governo Lula é um dos seus pontos fracos, e não fortes

O colunista do portal Brasil 247, Carlos D'Incao, escreveu no último dia 18 que a escolha de Alckmin por Lula foi "genial", não porque seu vice cumprisse qualquer papel relevante na campanha, mas porque este será importante para tornar viável o governo Lula.

Não serviu para eleger Lula

Para provar seu ponto, o autor do artigo "Alckmin: uma escolha genial" (Portal Brasil 247, 18/11/22) começa descartando as objeções que, segundo ele, foram levantadas por quem se opôs à escolha de Alckmin como vice de Lula. "a) Alckmin poderia facilmente se tornar em um novo Temer e golpear Lula em um momento de fragilidade política; b) Tratava-se de um rival político recente, o que poderia desgastar a própria candidatura de Lula pelos ataques recíprocos já trocados; c) Alckmin provavelmente não puxaria votos, fazendo da candidatura de Lula uma empreitada eleitoral quase 'solo'." De trás para a frente, o próprio colunista reconhece que Alckmin não serviu para puxar voto nenhum. "Lula venceu a eleição e seria justo afirmar que puxou quase que a totalidade de seus votos por seu carisma e projeto político", disse. A campanha de Lula sofreu uma mudança radical do primeiro para o segundo turno. A mudança consistiu, principalmente, no abandono dos elogios a aliados direitistas como Alckmin e em deixar de lado a presença do candidato a vice e voltar-se à população trabalhadora das periferias das grandes cidades, destacadamente a classe operária de São Paulo e do Rio de Janeiro. A realidade confirmou, ainda, os receios dos que levantaram os argumentos assinalados por D'Incao: a presença de Alckmin na chapa foi utilizada por Bolsonaro na campanha como um eixo para atacar a candidatura de Lula. Era o seu flanco exposto na campanha e não há motivo suficiente para acreditar que disso, passará a ser um ponto forte do governo. Permanece aberta a possibilidade de Alckmin se tornar "um novo Temer" e esse é justamente um dos motivos pelos quais sua presença no governo é um ponto fraco, e não forte.

"Governabilidade"

Uma vez vencidas as eleições e comprovada a verdadeira inutilidade do vice na disputa pelo voto popular, restou a incógnita: para que servirá Alckmin então? Segundo D'Incao, a escolha foi "genial" porque Alckmin dará condições para que Lula governe, e não pelo seu papel na campanha eleitoral. É

uma conclusão inevitável uma vez que se constatou que Lula ganhou as eleições apesar de figuras como Alckmin em sua chapa e em torno de si.

"Quanto mais abre-se a caixa de Pandora do governo Bolsonaro, mais relevância Alckmin atua no complexo ofício que será governar o Brasil junto com Lula."

"Lula, ao escolher Alckmin, não pensou nas eleições e sim na governabilidade...", escreveu o colunista. "Alckmin tem dirigido a equipe de transição com maestria única e, sem a qual, talvez, Lula sozinho não conseguisse abrir as mínimas possibilidades de um governo factível, tendo minoria nas duas casas", disse.

Os problemas do governo Lula vão muito além da transição, muito além do que será deixado como "legado" pelo governo Bolsonaro. Lula enfrentará dura oposição bolsonarista. Esta oposição, aliás, já é uma realidade antes mesmo do governo começar, uma vez que o movimento verde e amarelo que saiu às ruas imediatamente após o resultado aponta para uma composição entre o apoio popular que Bolsonaro possui (atestado pela vitória apertada de Lula por menos de dois pontos percentuais) e a maioria direitista no Congresso Nacional e nos governos estaduais. Alckmin não é defesa nenhuma contra essa oposição, que só pode ser contraposta por um amplo movimento popular, como ficou patente durante o segundo turno da campanha eleitoral. A força de Lula não está nos gabinetes de seu vice e ministros, nas instituições carcomidas dentro das quais a burguesia conspira contra o povo, mas nas ruas.

Ele "mudou"

Para D'Incao, Alckmin é "um indivíduo (...) levado a atuar em circunstâncias que nem mesmo ele imaginava" e que está sendo "recriado e atuando pela imposição de forças históricas que não estão sob seu controle". Isso faz dele um ponto de apoio para Lula junto às massas trabalhadoras? Não.

D'Incao elogia fartamente o ex-governador: "Geraldo tem mostrado enorme coesão e lealdade com o projeto progressista de Lula e demonstra enorme correção, urbanidade, eloquência e respeito junto a todos os protagonistas da sociedade civil. Habilita-se, assim, em talvez tornar-se no mais importante vice-presidente da História da República." A "sociedade civil" é um apelido do empresariado, dos banqueiros, dos especuladores e dos políticos de direita que representam seus interesses. Foi com eles – e só com eles – que Alckmin

conversou até agora. E deles nada obteve até o momento, a não ser elogios e afagos que não significam nada senão respeito por suas qualidades direitistas, não por seu pendor popular ou "esquerdização".

Disse ainda que Alckmin "não possui uma gota do que foi e ainda é Temer. Tem inteligência e sabe muito bem que a Rússia não é mais URSS, além de não se achar 'Carlos Magnum (sic) e os cavaleiros da tábua redonda'. Em suma, é um personagem altamente culto e politizado, além de vir se atualizando em cada milímetro dos desafios que estão por vir."

Alckmin mudou? Teria deixado de ser e pensar como pensava quando era governador de São Paulo, responsável pelas privatizações da CESP, do Metrô, da repressão aos professores e estudantes, etc. Como? O único indício de mudança, que o nosso autor sequer menciona, poderia ser o fato de ele ter deixado o PSDB e passado a compor a chapa com Lula como membro do PSB. É pouco, muito pouco, quase nada. Ele não se tornou um líder popular. Muito longe disso. Alckmin está infinitamente mais para Temer do que para Lula. É um político burguês em decadência, que tenta se reciclar ao se aproximar de Lula, não um político popular em ascendência como leva a crer o colunista do Brasil 247.

Co-presidente?

Para o autor, "na História dessa nação talvez tenhamos, na prática e pela primeira vez, um regime bi-presidencialista". Quer dizer, não só Alckmin teria mudado, mas se elevado à altura de co-piloto, se colocado em pé de igualdade com Lula. Teríamos, portanto, dois presidentes tornados equivalentes: um líder operário e um político burguês falido. Nada poderia estar mais longe da realidade.

O único papel que Alckmin pode cumprir como vice-presidente é o papel de todos os vice-presidentes: conspirar contra o titular.

Sucessor de Lula?!

"Caso tudo corra bem e o governo Lula tenha o êxito que todos nós desejamos, seria ele o sucessor natural de Lula", diz o colunista. Muito afeito ao ex-tucano, ele complementa: "uma pena que provavelmente não o será". O autor é obrigado a reconhecer a esta altura que, "de fato, [Alckmin] não possui raízes tão profundas com a esquerda". Raiz nenhuma, melhor seria dizer.

Reconhecendo que está fazendo um exercício de futurologia, D'Incao reconhece tacitamente que Alckmin teria, quando muito, condições de suceder apenas a si pró-

prio como vice. "Com o momento devido, vendo suas possibilidades eleitorais diminutas, Alckmin certamente aceitaria ser novamente vice de uma frente democrática", afirma.

A continuidade de Alckmin em uma chapa com Lula ou quem quer que Lula indique (o colunista aventava a possibilidade de que Haddad seja o nome escolhido por Lula e que este último governaria por apenas um mandato) apenas daria "mais força para debandar o golpismo e a extrema direita que poderá voltar a assombrar a nação com uma hipotética vitória de Trump nos EUA e o ressurgimento do clã Bolsonaro no cenário político".

A vitória de Trump certamente ainda está por se confirmar, mas fato é que o ex-presidente republicano é candidatíssimo nas próximas eleições dos EUA, e que sua base de apoio parlamentar e popular cumprirão o mesmo papel que as de Bolsonaro cumprem imediatamente no Brasil. Mais: o "clã Bolsonaro" não desapareceu do cenário político. É pura ilusão acreditar que a derrota nas urnas fará retroceder o ímpeto golpista da burguesia que não teve outra alternativa a não ser apoiar Bolsonaro.

Ponto fraco, nada mais

A escolha de Alckmin como vice não foi um ato de gênio, mas uma concessão indevida feita por Lula às pressões da burguesia e do capital estrangeiro, que exigem "responsabilidade" e "equilíbrio" do governo. Se se apoiar nas instituições falidas, como o "centro político" do qual Alckmin é um representante igualmente falido, Lula vai ser encurralado pelos setores (os banqueiros, grandes capitalistas e grandes latifundiários) que foram derrotados nas urnas, mas não pretendem dar o braço a torcer. A única chance de uma vitória real do povo por meio do governo Lula está neste se apoiar no povo, apoiar-se na sua mobilização, atender às suas expectativas, fazendo as únicas concessões que um governo popular pode fazer, as concessões às reivindicações populares e a defesa dos interesses nacionais de um País atrasado como o Brasil frente ao imperialismo.

A corda sempre arrebenta do lado mais fraco e um flanco exposto do governo Lula que se inicia em 1º de janeiro é justamente a presença do ex-governador de São Paulo como vice-presidente. Será por seu intermédio que a pressão direitista que já está vindo das ruas e da imprensa burguesa – e virá, certamente, do Congresso Nacional e dos governos estaduais – atingirá o governo. É o seu ponto fraco, nada mais.

REPETINDO UM ERRO

“Estado, aja!”: o grito desesperado da esquerda pequeno-burguesa

Luciana Genro, do PSOL, quer opor o Estado a um movimento de rua pedindo investigação, julgamento e punição para Bolsonaro e bolsonaristas



A ex-candidata à presidente pelo PSOL, Luciana Genro, publicou um artigo exigindo que o Estado capitalista faça frente às manifestações bolsonaristas. Em resumo, que o aparato estatal que pariu Bolsonaro e a classe social que o acolheu e impulsionou nas últimas eleições façam algo a respeito do problema que eles mesmos criaram.

Em “Bolsonarismo: investigar, julgar e punir” (Portal Sul 21, 4/11/22), Luciana Genro afirma que é preciso fazê-lo, pois “não se pode normalizar a barbárie, o autoritarismo, o discurso de ódio, os pedidos de golpe militar e as saudações nazistas”. Ora, quem pode “investigar, julgar e punir”? Somente o Estado capitalista. É, mais uma vez na história, um caso em que a esquerda pequeno-burguesa, completamente impotente diante da burguesia, recorre ao Estado burguês para resolver os problemas criados pela própria burguesia.

Genro ignora a relação entre o que ela julga ser um aliado com aquilo que pretende combater. Para ela, “Bolsonaro foi derrotado. Mesmo com toda a utilização da máquina pública a seu favor, cujo ápice foram os bloqueios da PRF no dia da eleição. Mesmo com boa parte da patronal chantageando seus empregados. Mesmo com a enxurrada de fake news. Mesmo com os púlpitos das igrejas virando palanques bolsonaristas.”

Quem pode “julgar e punir”, como ela reivindica, são os mesmos que permitiram que tudo isso ocorresse. São instituições como o Congresso Nacional e o Tribu-

nal Superior Eleitoral (TSE) presidido pelo ministro Alexandre de Moraes, que nada fizeram diante da compra de votos por meio da derrama de dinheiro dos cofres públicos promovida por Bolsonaro. Que se calaram quando a Polícia Rodoviária Federal tentou controlar o resultado das eleições bloqueando estradas. Que se mostraram absolutamente impotentes diante da coação eleitoral promovida pelos patrões bolsonaristas, etc..

Se a direita levantar a cabeça...

... ela será cortada. Assim esperavam os nacionalistas burgueses derrubados pelo golpe militar de 1964. Assim pensavam também os esquerdistas pequenos-burgueses do PCB de então. Assim espera Luciana Genro. É isso, e somente isso, que pode significar o pedido para que Bolsonaro e as manifestações bolsonaristas sejam investigadas, julgadas e punidas. É como se dissesse: “Estado, aja! Corte a cabeça dos bolsonaristas... porque nós não temos a menor condição de fazê-lo”.

O Estado burguês, de quem ela reivindica uma ação contra os bolsonaristas, não agiu e não agirá em defesa da democracia, nem ontem, nem hoje, nem nunca. Essa democracia é apenas uma forma sob a qual a burguesia exerce sua ditadura contra o povo. Não está aí para ser usada para a esquerda pequeno-burguesa satisfazer a sua completa impotência diante da burguesia e da extrema-direita.

A ditadura surgida do golpe de 64 poderia ter sido evitada se os intentos golpistas tivessem sido combatidos a tempo, se a classe

operária tivesse sido mobilizada por suas organizações, sindicatos e partidos de esquerda, se a cabeça dos militares tivesse sido cortada pelas massas oprimidas.

Como, para ela, a solução está no Estado, e não no povo e nas suas próprias organizações de luta, cabe apenas lamentar que os golpistas de 64 tenham agido e permanecido impunes depois da queda da ditadura: “O Brasil não fez como deveria a persecução penal e a responsabilização dos políticos e agentes públicos que agiram criminosamente durante a ditadura. Este foi, sem dúvida, um dos elementos que permitiram prosperar uma extrema-direita golpista, reacionária, violenta e autoritária”, disse. Ou seja, o Estado não agiu.

Ela ignora que, uma vez que o golpe militar foi dado, a ditadura que durou 21 anos só acabou por conta do enorme movimento de massas que levantou a cabeça a partir da segunda metade dos anos 1970. A derrota deste movimento, colhida em 1985 com as “Diretas Já”, se deu justamente porque as organizações de massas e partidos de esquerda abriram mão de agir independentemente da burguesia e do Estado. A política de aliança com a burguesia e seu Estado não traz vantagem nenhuma e só pode levar a derrotas para as massas.

Mas a direita levantou a cabeça... Para Genro, “as patéticas (sic) manifestações golpistas dos últimos dias” mostraram que “a derrota eleitoral não significa o fim do bolsonarismo”. Que bom que ela percebeu! Mas o que ela não entendeu é que a força do bolso-

narismo está justamente na parcela da população representada por ele e que opor o Estado a esse movimento significa fortalecer e dar mais condições ao Estado para que este reprima também as manifestações de esquerda, do povo trabalhador, quando este for o caso.

Ela acredita que “o combate a esta vertente política que defende ditadura, discriminação a negros, LGBTs e mulheres, eliminação física da esquerda e de outros grupos divergentes precisará seguir” e que “o resultado eleitoral nos deixa em melhores condições para essa luta”. O que precisa ser feito? Genro dá a receita: “É preciso investigar seus crimes [de Bolsonaro] e garantir que ele responda por tudo que fez (...) Jair Bolsonaro é responsável direto pelo estado de delinquência política instalado no país.. (...) Mas não apenas ele: todos os líderes nacionais e regionais que se envolveram em crimes devem ser investigados, da política à iniciativa privada, em um esforço que envolva o conjunto da sociedade e suas organizações.”

Pedir que o Estado investigue, julgue e puna um político ou um manifestante de extrema-direita pelo que disse ou fez é dar carta branca para que o mesmo Estado o faça contra políticos e manifestantes de esquerda e, consequentemente, contra todo o povo. Talvez essa mentalidade explique porque Luciana Genro foi uma das mais empenhadas defensoras da Operação Lava-Jato, que investigou, julgou e puniu Lula.

PROTESTOS NO IRÃ

“Todo apoio ao imperialismo!”

A CST, organização que apoiou o golpe no Brasil, repete o serviço ao apoiar o golpe no Irã



A Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST), um grupo que tem sua origem no PSTU e é uma das correntes fundadoras do PSOL, publicou um artigo onde expõe sua posição política em relação ao movimento que existe neste momento no Irã e que se apresenta contra o governo islâmico e pretensamente a favor das mulheres. O artigo, por incrível que pareça, não faz nenhuma ponderação sobre o caráter deste movimento, se é um movimento progressista ou conservador, se tem uma posição ou outra, é um artigo onde basicamente se reconhece o apoio a um movimento sem dar nenhuma explicação crível ou razoável do motivo deste apoio.

Uma análise anti-marxista
As atuais manifestações de mulheres no Irã foram geradas pela propaganda imperialista, que busca se aproveitar das contradições que existem no País em relação aos direitos das mulheres. Não é de se estranhar que numa sociedade que se desenvolveu muito, como é o caso da iraniana, surjam camadas cada vez mais amplas de mulheres que almejem liberdades e direitos que existem no resto do mundo. Também não é de se estranhar que seja na classe média que este anseio seja mais forte. O anseio tomado isoladamente não é algo reacionário ou algo a ser combatido. O movimento iraniano, contudo, não é um fato isolado é um movimento real e em um país real.

A corrente CST ignora completamente a realidade dos protestos. Os protestos têm uma composição quase total de pessoas de classe média das grandes cidades. Isto não invalida o movimento, mas deveria imediatamente levantar um sinal de alerta para qualquer corrente que se reivindica socialista e marxista. Acon-

tece que a publicação da CST simplesmente ignora o problema de classe, que não aparece em momento algum do texto. A corrente sempre apresenta um coletivo, “as mulheres”, sem especificar as classes envolvidas, um erro de análise grosseiro. O problema da luta pelos direitos das mulheres não pode ser analisado por fora da questão das classes sociais, fazer isso pode levar, e frequentemente leva, a pessoa que faz a análise a uma frente com o imperialismo.

Sobre os acontecimentos, a CST apresenta uma tese estapafúrdia: a de que temos uma revolução de um determinado sexo. As mulheres da UIT realizaram uma reunião internacional com a representação de diversos países: Argentina, Chile, México, Brasil, Panamá, Venezuela, Turquia, Estado Espanhol e com a presença de uma jovem iraniana que nos contou em detalhes o processo da Revolução das Mulheres que está em curso no país e como esse ascenso tem influenciado diversas categorias, como os petroleiros que saíram a organizar uma poderosa greve. Na reunião, o compromisso das seções da UIT é de seguir difundindo e apoiando a luta das iranianas, através de uma campanha ativa de solidariedade com a rebelião das mulheres iranianas.

A tese é estapafúrdia, afinal os sexos, raças e orientações sexuais não compõem um coletivo social que influi na luta política. Se assim fosse, estaríamos diante de uma reprovação de uma análise fundamental do marxismo: a de que a história da humanidade é a história da luta de classes. Mais ainda, a ideia marxista de que o progresso da humanidade existe é representado pelo progresso das forças produtivas e pelas classes por ele criadas e mobilizadas, seria totalmente falsa. Se o dispa-

rate da Corrente “Socialista” tivesse algum fundo de verdade, a história não andaria para frente e para trás, mas para os lados e para dentro e para fora. Se em dado momento, a luta se dá entre homens e mulheres, veremos depois a luta entre ruivos e loiros, entre os mais negros e os menos negros, entre pintores e músicos, entre qualquer identidade contra qualquer outra. A sociedade não seria capitalista, uma sociedade dividida entre uma classe possuidora e uma classe de produtores sem posses, seria uma anarquia generalizada.

A frente com o imperialismo
Os protestos têm ampla cobertura da imprensa imperialista, são apoiados por ela, são inclusive incentivados, talvez até organizados diretamente pelo próprio imperialismo. A grande burguesia imperialista não deseja nenhum desenvolvimento no Irã, não teria, portanto, nenhum motivo para realizar uma operação política que gerasse um desenvolvimento da nação muçulmana. Este fato apresenta uma realidade bastante importante e completamente ignorada pela CST: os protestos não têm um fim progressista. A mobilização pede a queda do governo dos Aitolás, ainda que o governo seja algo reacionário, é importante não ignorar que a oposição que assumiria o seu lugar seria ainda mais reacionária e inimiga dos trabalhadores.

A manobra de utilizar um dos aspectos mais reacionários de um governo contra determinadas camadas num país e depois substituir por um governo essencialmente igual nesta questão, porém, absurdamente anti-nacional e pró-imperialista é algo que já foi feito diversas vezes pelo imperialismo. O caso do governo-fantoches do Afeganistão mostra que as diferenças no tratamento

das mulheres por parte do governo anterior e dos Talibãs eram mínimas, as diferenças para a condição geral da população e para a soberania nacional afegã, por sua vez, não.

Não há nenhuma alternativa política viável imediatamente que seja melhor do que o atual governo do Irã. Eles estão numa situação similar à que ocorreu no Brasil, guardadas as proporções, em 2016. Gostasse ou não de Dilma Rousseff, isso não importava, o único fator relevante era que se o golpe prosseguisse, Michel Temer iria assumir, a pergunta era simples: Michel Temer era melhor que Dilma? Seu governo possibilitaria um avanço para o Brasil? No processo de trocar de governo o proletariado avançaria na sua consciência ou regrediria? As respostas para essas perguntas eram todas óbvias e, portanto, apoiar a queda de Dilma era um erro, geraria mais prejuízo que benefício. O caso do Irã é similar, um governo no Oriente Médio atual, será repressivo contra as mulheres e outros setores afetados pelas posições de costumes religiosos, contudo, um governo inimigo das mulheres e pró-imperialista é pior que um governo inimigo das mulheres nacionalista.

A CST, que apoiou o golpe contra Dilma, repete agora a mesma posição que teve em 2016, com efeitos similares. Desta vez, nem se preocupa em dar voltas no marxismo, ele simplesmente não figura na nota da organização, a justificativas já são abertamente burguesas. A conversão de amplos setores da esquerda em apologistas da política pró-imperialista precisa ser denunciada e combatida.

NEGROS

20 DE NOVEMBRO

Confira a programação do PCO para o mês de luta do povo negro!

O PCO não faz ciranda, não faz o que faz para eleger parlamentar, nesse 20 de Novembro, esteja com o PCO na comemoração do dia de luta do povo negro!



20 de Novembro é a data conhecida nacionalmente como dia da consciência negra, um título mais brando e menos mobilizador para o dia de luta do povo negro. A data é tradicional no Brasil como data de mobilização e de luta, e para nós não poderia ser diferente, ainda mais nestes últimos anos em que a luta do povo negro tem sido deformada pelo identitarismo e que o 20 de novembro se transformou em uma data de atividades de promoção de indivíduos oportunistas e inimigos da luta dos oprimidos. Para combater esse estigma negativo que vem se formando em torno do tema da luta dos negros, o Partido da Causa Operária formulou um calendário de atividades próprias para

aqueles que estão fartos da demagogia identitária e da propaganda canalha promovida pelos bancos e organizações ligadas ao grande capital imperialista.

O partido terá um a intervenção própria no tradicional ato do 20 de Novembro, através do Coletivo de Negros João Cândido, que colocará a política revolucionária para os negros nas ruas, contra o confucionismo identitário e o oportunismo rasteiro que tem infestado as comemorações da esquerda no último período. Convidamos todos a se juntarem a nós na atividade, com a bateria Zumbi dos Palmares e com os nossos materiais de agitação política. Além da intervenção pública que faremos nas ruas no próprio dia 20 de Novembro, o Coletivo João

Cândido vai promover no dia 27 de Novembro um dia de atividades para comemorar o dia de luta do povo negro, as atividades se iniciarão às 9h da manhã no Centro Cultural Benjamin Peret, na rua Conselheiro Crispiniano nº 72, seguindo o seguinte cronograma:

9h – Debate: A luta do negro proletário e do negro pequeno burguês. Com: Rui Costa Pimenta
12h – Feijoada
14h – Palestra: Luiz Gama: poeta e o movimento abolicionista em São Paulo. Com Rui Costa Pimenta e convidados
16h30 – Roda de Capoeira
17h30 – Apresentação de Samba

O Dia de Luta do Povo Negro vem

sendo desfigurado ano após ano pela atitude oportunista e mesquinha da esquerda, que mancha a história do movimento negro e imagem combativa que este construiu após décadas de trabalho árduo, militância convicta e muito sangue derramado. O PCO não está disposto a deixar que meia dúzia de elementos que desejam se auto promover e captar recursos de grandes organizações corruptoras do imperialismo joguem na lata do lixo todo o esforço de séculos de um povo oprimido, sendo assim, junte-se a nós nas nossas intervenções e mostre que a luta do negro e de todos os oprimidos tem que ser para valer!



**CORRENTE SINDICAL NACIONAL
CAUSA OPERÁRIA**

CONTATOS:

(11) 98344-0068

(11) 996617-6178

(11) 98567-5847



JUVENTUDE

LIVRE INGRESSO NA UNIVERSIDADE

Um período de vestibulares que não deveria existir

A universidade deve ser um bem da população e controlado por ela



O último dia de provas do ENEM será realizado hoje, dando continuidade para o processo seletivo que, em lugar de facilitar, dificulta o ingresso dos jovens no ensino superior. Apesar de a prova nacional ser um avanço em relação à situação anterior, em que era necessário realizar uma prova diferente para o ingresso em cada universidade (ao estilo da FUVEST), ele ainda significa uma barreira para qualquer pessoa ingressar no ensino superior, sobretudo para a população pobre. Esse problema se intensifica, também, na medida que cada vestibular é diferente um do outro, sendo a maioria de caráter mais “conteudista”, cobrando mais assuntos específicos estudados apenas por setores com melhor acesso ao ensino em detrimento a alunos da escola pública. A

verdade é que o atraso na educação brasileira é um grande problema social, e a necessidade de vestibular para aprender piora ainda mais a situação. O ENEM, pelo contrário, vai contra essa maioria, sendo menos conteudista, mas ainda cobrando muita interpretação e, na maioria das vezes, vencendo o candidato pelo cansaço.

Pelo fim do vestibular

Qualquer barreira para a educação da população é reacionária. Por isso, é preciso defender o fim do processo seletivo que impede a maioria da população pobre do País que não tem acesso a uma boa educação primária e não tem recursos para fazer os chamados “cursinhos” que preparam os alunos para as provas.

Há quem diga que o vestibular garante o nível do ensino supe-

rior elevado. Isso não é verdade. É preciso salientar que o nível da educação superior deriva do investimento estatal na pesquisa e no desenvolvimento tecnológico. Quanto maior o investimento, melhores serão os professores, a experiência do curso e, consequentemente, melhor será o aprendizado dos alunos.

Na realidade, o vestibular produz a situação em que, a maioria da população é alijada do ensino público e passa a estudar em instituições privadas de péssima qualidade. Isso piora o mercado nacional, boicota a economia e, em consequência, os recursos para investimento.

Pelo governo tripartite

Além do livre ingresso as universidades, precisamos defender que essas sejam governadas de maneira democrática. Quer

dizer, diferente do governo atual por apontamento de reitores, a universidade seja tocada pelos três setores fundamentais de seu funcionamento: os alunos, em primeiro lugar, os funcionários e os professores. Considerando peso maior para o setor em maior número, no caso, os alunos.

Para a universidade ter uma ação progressista, é preciso que ela seja tocada pelos setores diretamente interessados no seu desenvolvimento. Os alunos, os professores e os funcionários, não só dependem da universidade, como se desenvolvem a partir dela. A pesquisa, dessa forma, deve ser voltada para os interesses da comunidade e não das grandes empresas que porventura influencie a reitoria da universidade.



ATIVIDADES

RÉVEILLON VERMELHO

Festa de Réveillon do PCO será no Ipiranga

Comemores com os companheiros de luta!



Está confirmado! O Partido da Causa Operária (PCO) realizará a sua tradicional festa de ano novo em São Paulo. Ela será realizada no bairro Ipiranga, no Buffet Mediterrâneo e contará com a presença dos militantes, contatos e simpatizantes do Partido. A festa ocorrerá ao som da banda Revolução Permanente, composta de integrantes do partido, que tocarão as principais músicas revolucionárias de nossa época, incluindo no repertório algumas de autoria própria.

A festa será de gala, na qual será servida uma grande ceia e bebidas de todos os tipos. A ideia é retomar o evento tradicional no partido que, inclusive, já chegou a sair nas páginas sociais da grande imprensa. Ela tinha sido paralisada por conta da pandemia, mas volta com toda sua força esse ano.

Um evento tradicional da esquerda

A esquerda, desde Marx e Engels, tem a tradição de realizar eventos de confraternização no ano novo. O Partido Social-Democrata Alemão, na época de Rosa Luxemburgo, era conhecido por suas enormes comemorações de virada de ano, no qual davam uma alternativa para os trabalhadores a festa burguesa em meio a família conservadora.

Essa é uma ação importante, que aproxima os companheiros militantes do partido, dos familiares dos militantes e de seus amigos. É importante dizer que o Partido não é feito apenas de seus militantes e filiados, mas de um

ecossistema de pessoas que rodam em torno da vida partidária, tornando a experiência militante, algo engrandecedor não só politicamente, mas social e culturalmente.

Ano novo de lutas

O companheiro Luis Inácio Lula da Silva venceu as eleições após intensa luta. É importante lembrar que, a campanha por Lula Presidente, não começou em 2022 e não acaba nesse ano. O PCO tem sido a linha de frente da luta contra o golpe no Brasil, o qual derrubou Dilma, com o objetivo principal de perseguir Lula. De fato, o ex-presidente foi preso e houve mais uma dura luta para a sua soltura. No ano da sua prisão, e da eleição de Bolsonaro, o partido passou o réveillon vermelho em Curitiba, junto ao nosso verdadeiro presidente.

Hoje Lula está eleito, mas essa não é uma vitória total sobre o golpe de Estado. A direita já está se organizando para dar um novo golpe sobre o governo do PT, tanto pela ação do bolsonarismo, quanto por declarações de militares e a carta da economia criticando a posição de Lula para os gastos sociais.

Nesse sentido, 2023 será um ano intenso de lutas e deve ser iniciado da mesma forma.

Companhia companheira

Uma festa sem tios "coxinhas", defendendo as ações bolsonaristas, chamando o Lula de ladrão e coisas afins é muito prazerosa. Por isso, essa é a festa para todos que são de esquerda e defendem o companheiro Lula participarem.

Para trazer os amigos e os familiares, uma festa de gala para dar a experiência de boa vida para os trabalhadores que suam a camisa

todos os dias.

Participe conosco!

ASSINE A BRETON



A ÚNICA REVISTA DE ARTE REVOLUCIONÁRIA

ENTRE EM CONTATO PELO EMAIL:
GARICOLETIVO@GMAIL.COM

IMPRENSA OPERÁRIA

Lançado o Dossiê Causa Operária! Confira como foi o evento

Confira trechos e fotos do evento que ocorreu no último sábado (19), em São Paulo

Foi lançado, no último sábado (19), a mais nova publicação do Partido da Causa Operária: o Dossiê Causa Operária.

Com 32 páginas e custando R\$25,00, essa publicação se propõe a ter textos mais aprofundados dos que o do Jornal Causa Operária, publicação semanal, e do que o Diário Causa Operária, publicação online e diária.

O Dossiê será lançado de 15 em 15 dias e conta com uma equipe de redatores selecionados, inclusive com membros da direção do Partido da Causa Operária. Sua primeira edição possui textos sobre cultura, história do Brasil e política internacional, tudo com um desenvolvimento significativo quando comparado com outras publicações do partido.

No início do evento, que contou com a participação de companheiros de diversos estados, o camarada Rui Costa Pimenta, presidente do PCO, realizou diversas considerações sobre a importância da imprensa operária, detalhes sobre a nova publicação, além de também ter falado um pouco sobre a história da imprensa do PCO.

“Essa nova publicação representa uma mudança no trabalho partidário”, inicia Rui Pimenta, “nós decidimos desmembrar o Jornal Causa Operária em duas publicações diferentes, cada uma delas, especializada.”

Rui explica que o JCO, publicação semanal da imprensa partidária, foi reduzido a quatro páginas, com matérias curtas, enquanto o Dossiê pegaria toda a parte de matérias analíticas, ou seja, matérias que exploram a fundo um determinado tema.

“Esse jornal [JCO] é o jornal mais antigo da esquerda. Quem já se colocou a fazer um trabalho de imprensa sabe que isso é uma coisa que exige bastante esforço e bastante trabalho. Nem os partidos ditos grandes da esquerda não tem um órgão de imprensa. O PT não tem, o PCdoB não tem, o PSOL não tem — eles não conseguem fazer isso. Nosso jornal, por si só, é uma grande realização.”

Uma imprensa operária

O principal texto marxista que trata sobre a imprensa é o livro “Que Fazer?”, de Lênin, onde ele explica que a imprensa é o eixo central do trabalho partidário, que o partido, na realidade, se constrói e se organiza em torno da imprensa.

“Nada mais natural, uma vez que os partidos revolucionários, marxistas, são partidos que travam uma luta pelo seu programa. Tudo o que a gente faz é um esforço para fazer com que a classe trabalhadora compreenda o programa revolucionário, que é o programa dela.”, afirma Rui



Pimenta.

Nesse texto, Lênin afirma que o jornal é, ao mesmo tempo, um agitador coletivo, um propagandista coletivo e um organizador coletivo. A agitação é a explicação detalhada de um número pequeno ou de apenas uma ideia, para um número grande de pessoas. Já a propaganda é o contrário: é a explicação de várias ideias, de forma simples, para uma grande quantidade de pessoas, como em uma palestra ou um discurso.

“Num certo sentido, nós separamos o trabalho de agitação, grosso modo, do trabalho de propaganda nas duas publicações. No Jornal Causa Operária nós estamos desenvolvendo no partido um plano de trabalho no sentido de fazer com que esse jornal seja vendido o mais amplamente possível. Reduzimos o preço do jornal para 1 real e a nossa ideia é que ele seja vendido em atividades coletivas dos militantes.”, continua Rui Pimenta.

“Nós queremos que [o JCO] seja um jornal de massas. Se nós formos bem sucedidos nessa tarefa, nós vamos pensar na criação de um jornal diário.”, concluiu Rui. Mais uma publicação impressa? Rui afirma que muitas pessoas acham que o jornal impresso, assim como outras publicações como revistas ou panfletos, estão superadas. Esses pessoas afirmam que isso estaria superado pela internet e, portanto, não teria sentido em fazer um jornal.

“A internet é uma verdadeira selva amazônica de pessoas que estão propagando ideias. É muita coisa. Até o cidadão encontrar sua publicação nessa selva, vai

demorar muito, se é que ele vai encontrar essa publicação algum dia. Um número cada vez maior de pessoas tem acesso à internet, mas o pessoal se dirige a coisas que ele tem interesse, que são localizadas.”, continua Rui Pimenta em sua exposição

“O jornal impresso leva o que a gente tem a dizer para a pessoa, não fica esperando a pessoa vir até nós. Obviamente nós temos o trabalho na internet, mas não é suficiente. Nós precisamos ir atrás do público, e essa é a função do jornal impresso.”

Nesse sentido, fica evidente que o material impresso não foi superado, mas sim tem como complemento o trabalho na internet, apesar de não ser substituído por esse.

Dossiê Causa Operária

O Dossiê, nesse sentido, será, ao contrário do JCO, uma publicação vendida em menor escala. São 32 páginas de praticamente puro texto, com o público-alvo para aqueles que querem se aprofundar nos temas abordados.

O JCO, em contrapartida, será um jornal para a agitação política: “Os primeiros momentos depois da eleição já mostraram que vai ter muita briga, muita confusão e muita crise no Brasil com a eleição do Lula, como nós prevíamos, inclusive. Temos que deixar de lado o folclore político de que o Brasil estaria reconciliado; na realidade, agora que nós vamos ver como a briga é feia no Brasil. [...] A coisa vai ser feia e, por isso, o JCO vai ser uma ferramenta para atingir o mais amplamente possível de pessoas.”, afirmou o

analista.

Rui ainda disse que o PCO ainda almeja uma publicação diária, uma vez que essa tem realmente uma influência significativa na situação política. Rui Pimenta ainda falou sobre o Diário Causa Operária, uma espécie de mistura do Dossiê e do JCO, no qual o forte são as publicações de opinião, não tão curtas quanto no JCO, mas não tão desenvolvidas quanto no Dossiê. Essas são as três principais publicações do PCO no momento.

“À medida que o partido se desenvolva, a imprensa também terá condições materiais de se desenvolver.”

Os recursos

Rui afirmou que o fato do JCO estar sendo vendido a R\$1,00 não significa que este consegue se sustentar. O Dossiê, nesse sentido, ajudará na sustentação financeira da publicação, fazendo com que ela mantenha seu caráter popular, com este valor simbólico o qual possui atualmente.

A exposição ainda contou com as falas da plateia e de outros convidados que estavam a mesa. Logo após a exposição, ocorreu uma confraternização com os presentes, com uma mesa de coquetéis e debates sobre o Dossiê.

Veja a exposição completa do evento no link abaixo:

<https://www.youtube.com/channel/UC7seCBK7L7QPd1mDOQVse8g>

NA ANÁLISE POLÍTICA DA SEMANA

A retórica golpista do “mercado”

Rui Costa Pimenta analisa a carta aberta dos economistas ao presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva



Neste sábado (19), o companheiro Rui Costa Pimenta, presidente nacional do PCO, fez sua tradicional Análise Política com transmissão ao vivo pela Causa Operária TV.

Solidariedade com o companheiro Neuder Bastos

O presidente do PCO iniciou sua intervenção chamando todos a contribuírem com a campanha financeira que o Partido está realizando para levantar fundos para o tratamento do companheiro Neuder Bastos contra um câncer. O companheiro, militante do PCO há mais de 20 anos, é professor e está sofrendo com um tumor bastante agressivo e precisa de tratamento imediato.

Ucrânia

Na Análise deste sábado, Rui Costa Pimenta destacou a importância da decisão tomada pelo presidente norte-americano Joe Biden, que enviará mais 37 bilhões de dólares para a Ucrânia em ajuda militar. Esses recursos, junto a outros já enviados anteriormente, somam 91 bilhões de dólares, quase meio trilhão de reais, além do que os europeus também já enviaram, algo em torno de 30 bilhões de euros.

Conforme assinalou o companheiro, “esse número é importante porque esse número destrói todas as fantasias que foram apresentadas na imprensa de que o que está acontecendo na Ucrânia é uma guerra dos russos contra os ucranianos, que os EUA não têm nada com isso e que o objetivo do apoio internacional à ucrânia é humanitário. Quem em sua consciência vai acreditar que um país vai gastar 91 bilhões de dólares em armas por objetivos humanitários?”

A cifra é a demonstração de que o que está acontecendo na Ucrânia é uma ação ofensiva do imperialismo contra os russos. Esses 91

bilhões de dólares e 30 bilhões de euros só contribuíram para que a mortandade na guerra fosse ainda maior, quanto mais durar a guerra pior será para o povo ucraniano.

Catar

Rui Costa Pimenta falou também sobre uma campanha de propaganda do imperialismo contra o Catar. “Estamos vivendo em uma situação onde saímos de uma campanha do imperialismo para outra campanha do imperialismo e a esquerda brasileira de um modo geral não perde a oportunidade de apoiar o imperialismo em todas as suas campanhas. Eis a campanha do imperialismo contra a copa no Catar. “Descobriram” que o Catar é uma monarquia, não uma democracia. Demoraram bastante para descobrir isso porque o Catar é uma monarquia desde a época do domínio otomano sobre o país, no século XIX. A campanha foi impulsionada também por uma notícia totalmente falsa, mentirosa a de que morreram 6.500 operários nas obras da copa no Catar”, afirmou.

A campanha, que já denunciaremos no Diário Causa Operária, se dirige a atacar o país que sedia a copa do mundo da mesma maneira que o Brasil foi atacado durante o governo Dilma. “Catar é a sede da AL Jazeera, a principal rede de comunicação do Oriente Médio, um país muito rico de petróleo e gás que montou sua rede de informação para fazer oposição às redes de televisão imperialistas, da mesma maneira que os russos fizeram com a RT. O problema com o Catar não tem nada a ver com os 6.500 trabalhadores que supostamente teriam morrido nas obras da Copa. O que está em questão é que o imperialismo não pode conviver com nenhum tipo de independência, por mais limitada que seja. O Catar finan-

cia a Irmandade Muçulmana no Oriente Médio, a Arábia Saudita quase declarou guerra ao Catar por causa disso” (...) “É mais um ataque para domesticar os países atrasados” (...) “A campanha contra a copa no Catar é uma obra prima de cinismo, de mentiras e encobrimento de operações criminosas do imperialismo no mundo todo”, disse.

A carta dos economistas a Lula O tema central da Análise Política da Semana do último sábado foi a carta aberta dos economistas ao presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva.

Rui Pimenta denunciou o que os banqueiros e especuladores realmente querem dizer quando afirmam que a responsabilidade fiscal é importante porque se houver inflação e outros males da economia, quem vai pagar é o trabalhador. A realidade foi dada pelo gráfico apresentado pelo companheiro na Análise, da Auditoria Cidadã da Dívida, mostrando o quanto do orçamento federal vai para os banqueiros: quase 2 trilhões de reais, cerca de 51% do Orçamento Federal.

“A responsabilidade fiscal é a ceia do bolo. O problema é que os banqueiros assaltam os cofres públicos todos os anos levando metade do orçamento. O dinheiro que falta no SUS, nas escolas está nas mãos dos banqueiros”, destacou.

Como assinalou o companheiro na sua intervenção, o que está por detrás das reclamações e protestos contra a política a ser adotada pelo governo Lula é o desejo de banqueiros e especuladores de continuar lucrando e jogando com o dinheiro público num verdadeiro cassino internacional. O ataque à proposta moderada como a do PT e de Lula, que pretendem alocar recursos do orçamento para continuar a pagar os R\$600,00 do Auxílio Brasil no pró-

ximo ano, mostra que a burguesia não queria o governo do PT, porque não pode aceitar que um governo gaste um centavo sequer para acabar com a fome do povo. Estamos entrando em uma situação em que está em discussão a política do governo – política social, econômica. Lula falou em reindustrializar, é preciso ter em mente o desafio que vem pela frente, e o desafio será esse: enfrentar o parasitismo dos banqueiros que lucram com a miséria e o sofrimento da população. “Se a classe trabalhadora brasileira quiser realizar alguma coisa, tem que botar o bloco na rua”, destacou o companheiro Rui Pimenta. “Os banqueiros não vão abrir mão dos 2 trilhões de reais que estão ganhando em juros da dívida”, sublinhou.

Reiterando o que o Partido da Causa Operária afirmou ao longo dos últimos dois anos, que era preciso mobilizar para ganhar as eleições, o companheiro Rui foi incisivo: “Estamos vendo agora que, para governar é preciso mobilizar. Dá tempo (...) é preciso angariar o apoio popular imediatamente. Lula deveria ir aos bairros, às fábricas, às escolas e universidades para defender o programa social, discutir o problema com os trabalhadores”, concluiu.

Esses e outros temas serão aprofundados na próxima edição do Diário Causa Operária. Veja a análise no link abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=p3FH1EwYzWs&feature=emb_title